



REUTERS 

28/11/2005 - 16h56

Miséria e desigualdade diminuem no país, aponta FGV

RIO DE JANEIRO (Reuters) - A parcela de miseráveis no Brasil caiu 8 por cento entre 2003 e 2004, atingindo no ano passado o menor nível desde 1992, segundo estudo da Fundação Getúlio Vargas (FGV), que apontou ainda uma redução na desigualdade social no país.

A pesquisa Miséria em Queda; Mensuração, Monitoramento e Metas, feita com base nos resultados da Pesquisa Nacional de Amostras por Domicílios (Pnad) do IBGE, mostrou que em 2004 25,08 por cento dos brasileiros eram considerados miseráveis, ante 27,66 por cento em 2003.

Para a FGV, uma família é considerada miserável quando o rendimento por pessoa é inferior a 115,00 reais ao mês. O mesmo conceito é utilizado pela Organização das Nações Unidas (ONU).

"Um terço desse resultado se deve ao crescimento do bolo (renda familiar per capita) e dois terços à redução da desigualdade. Em anos anteriores, como no Plano Collor e em 2003, a desigualdade caiu, mas todo mundo perdeu", disse o coordenador do levantamento, Marcelo Néri.

A renda domiciliar por pessoa em 2003 era de 401,95 reais e em 2004 subiu para 413,43 reais, um crescimento de 2,85 por cento.

"Em relação a 2003, foi um ano de ajuste econômico e social", completou Néri.

Desde 1992, o Brasil vem reduzindo ao ano a miséria em 2,86 por cento em média, segundo a FGV. Para atingir as Metas do Milênio, acertadas entre diversas nações para combater a pobreza, fome e doenças, o Brasil deve manter uma média de 2,7 por cento ao ano até 2015.

"Nesse ritmo o Brasil vai conseguir reduzir pela metade a miséria até 2015. Estamos no caminho certo", avaliou o coordenador da pesquisa.

CONCENTRAÇÃO DE RENDA

Marcelo Néri ressaltou ainda o processo de desconcentração da renda no país nos últimos quatro anos.

Em 2001, os 10 por cento mais ricos do Brasil detinham 47,3 por cento da renda total do país, enquanto no ano passado esse percentual recuou para 44,7 por cento. Em 1990, esse patamar era de 48 por cento. Já os 50 por cento mais pobres acumulavam em 1990 11,5 por cento dos rendimentos e, em 2004, passaram para 14,1 por cento.

"Há evidências claras da redução da desigualdade. Isso começa a ceder. A sociedade brasileira está mais atenta para isso. A pobreza caiu 8 por cento e se não houvesse a redução da desigualdade, a queda seria de só 3 por cento. Esse é um processo lento que não se resolve de uma hora

para outra", declarou Néri.

O economista da FGV ainda atribuiu a queda no número de miseráveis aos avanços sociais e econômicos obtidos no ano passado. "Foi um ano de crescimento no PIB, bons resultados comerciais, geração de empregos e ainda vejo o programa Bolsa Família, que é muito mais adequado que o Fome Zero", afirmou.

O levantamento da FGV revelou também que nos dois primeiros anos do governo Lula a redução média anual da miséria foi de 2,2 por cento, sendo de 3,95 por cento em 2003 ante 2002 e de 8 por cento em 2004 frente a 2003.

A média petista é superior à do segundo mandato do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (queda de 1,8 por cento), mas inferior ao período 1994/1998, quando a retração da miséria alcançou 4,5 por cento.

"O (Plano) Real trouxe uma estabilidade e uma lua-de-mel para os dados. O segundo mandato do FHC foi afetado por crises externas fortes", explicou Néri. O economista da FGV espera novos bons resultados este ano.

"O aumento do salário mínimo real foi de 9 por cento e a tendência da pobreza é cair. O emprego também continuou crescendo, houve um aumento na faixa de cobertura do Bolsa Família e a economia está crescendo."

 ÍNDICE DE ÚLTIMAS NOTÍCIAS

 IMPRIMIR

 ENVIE POR E-MAIL

© 1996-2005 UOL - O melhor conteúdo. Todos os direitos reservados.